

# CULTURA, EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE: práticas de vida da mulher trabalhadora da maré

Jeruza Jesus do Rosário\*

5

Os estudos sobre as marisqueiras e pescadoras da Reserva Extrativista (Resex) Baía do Iguape iniciaram-se em Março de 2007. A referida Resex localiza-se no Recôncavo Sul Baiano. Nestes estudos, busco retratar o cotidiano das pescadoras na Resex Baía do Iguape em seu espaço, a percepção que estas mulheres possuem de si próprias neste espaço e a relação delas com o meio ambiente. Através da observação do espaço vivido, e sob o prisma da ciência geográfica, procurei diagnosticar a representação desse ambiente como cenário de vida e de trabalho, assim como o papel dele como mediador na transmissão de conhecimentos.

Este estudo fundamenta-se no sentido de analisar a importância do papel da cultura produzida pelas mulheres trabalhadoras na pesca para uma educação de perspectivas sustentáveis. Tendo em vista que estas mulheres produzem uma cultura de expansão de valores baseados na ética ambiental, o que contribui de maneira crucial para uma educação com vistas à sustentabilidade de crianças, jovens e adultos, esta pesquisa encontra lastro no interesse pelos fenômenos implicados na relação educação-gestão-desenvolvimento. Vejo que o estudo sobre as pescadoras da localidade da Baía do Iguape corrobora com questões relacionadas à cidadania, à gestão participativa, à democratização, ao desenvolvimento local, à sustentabilidade, entre outras.

A abordagem neste trabalho é etnográfica, pois permite a interpretação dos significados construídos por estas pescadoras. Conforme o pensamento de Geertz (1989), as culturas são "teias de significados" tecidas pelo homem; o

\*Geógrafa, Professora de Geografia, Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela UNEB-Universidade do Estado da Bahia. Email: [jeruzarosario@hotmail.com](mailto:jeruzarosario@hotmail.com).

significado que os homens dão às suas ações e a si mesmos. Para este autor, a etnografia deve interpretar e buscar os significados atribuídos a esses atos. Tem como princípios metodológicos a História Oral, que permite a visibilização de grupos socialmente silenciados, a iconografia e a relação história e memória.

A metodologia empregada para a realização desta pesquisa, primordialmente na estruturação da pesquisa de campo, é baseada na realização de entrevistas semi-dirigidas junto às pescadoras e pessoas ligadas ao seu cotidiano, assim como levantamento cartográfico, fotográfico e documental nas localidades.

Utilizo como fontes desta pesquisa as pescadoras da Baía do Iguape, pessoas ligadas ao seu cotidiano (tanto homens como mulheres), fotografias de arquivos pessoais, exame de documentos da colônia de pescadores, observação de campo, registro por fotografia e informações coletadas em órgãos públicos como BAHIA PESCA, CAR, SEI, CRA, GERMEN, IBGE e SEAGRI.

6

Nessas entrevistas, foi feito o uso da investigação das memórias das pescadoras, pois parto do princípio que a memória se alimenta de uma materialidade, uma espécie de coleção de imagens presentes que a memória lembra e reconstitui em relação ao lugar, objeto ou sentimento. Como pesquisadora, verifico a importante arte do *escutar* e do *enxergar* a mulher pescadora em seu universo à maneira como pode ser, pois creio ser essa a essência deste estudo. Com as pescadoras, é imprescindível o máximo de sensibilidade para poder perceber as falas, os gestos, o olhar, o modo como se fazem as divagações a fim de apreender mais do que simplesmente é dito.

Vale ressaltar o imprescindível trabalho de lançar mão do uso da iconografia e da memória e, desta maneira, dar conta da proposta desta pesquisa. Assim, contemplam-se os princípios da boa tradição antropológica que faz dialogar sujeitos, história e memória a partir de suas práticas discursivas.

Por fim, este tipo de estudo possibilita a compreensão de outros modos de vida que ancoram os princípios da cidadania, da democracia e da sustentabilidade.

Este tema suscita a importante discussão sobre a inserção da mulher na atividade pesqueira, que se realiza ainda sem o devido reconhecimento de seu trabalho e de seus direitos. De modo geral, somente elas próprias reconhecem sua condição de pescadoras, realidade esta que evidencia o grau de “invisibilidade” do trabalho destas. As mulheres trabalhadoras na maré na Baía do Iguape consideram-se pescadoras mesmo que não “embarcadas”, o contrário do que acontece com os homens, que segundo elas próprias nas entrevistas, só se consideram “pescadores” quando fazem uso de algum tipo de embarcação como a canoa, por exemplo.

7 Neste sentido, procuro dirigir esta pesquisa rumo à compreensão do modo de desenvolvimento de culturas de localidades como a Baía do Iguape, tão enraizadas no mundo natural, encantadas por seus mitos, explicações mágicas e tradições seculares, a exemplo das histórias sobre a Vovó do Mangue e do Caipora. Quiçá até mesmo motivar o repensar das relações entre Homem e meio natural, tendo a mulher como indivíduo de representação no processo do “despertar do mundo”. Consoante a este pensamento, Leff (2001) fala sobre a impossibilidade de resolver os crescentes e complexos problemas ambientais e reverter suas causas sem que ocorra uma mudança radical nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos gerados pela dinâmica de racionalidade existente, fundada no aspecto econômico do desenvolvimento.

Há a crença de que as comunidades tradicionais estão mais próximas da natureza e são motivadas por uma ética de conservação. Essa ética de conservação está, vejo eu, calcada nos paradigmas de imaginário, topofilia, relação sociedade versus natureza, visão holística, espiritualidade, afetividade, cultura e ecologia social, entre outros. Melhores perspectivas se delinearam nas últimas décadas, já que se desenvolveram bastante e positivamente as pesquisas sobre “povos tradicionais”, sobretudo sobre os desafios e conflitos

em que estão inseridos, numa perspectiva interdisciplinar, construindo assim interfaces entre as ciências sociais e as ciências da natureza (CASTRO, 1997, p. 165).

Os povos tradicionais, a exemplo das mulheres trabalhadoras na pesca, elaboraram um profundo conhecimento sobre os ecossistemas nos quais vivem e trabalham, o que garantiu a reprodução de seu sistema social e cultural, seu modo de vida. Os sistemas tradicionais de manejo revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais.

Nos depoimentos gravados, as pescadoras da Baía do Iguape têm clareza de sua condição de pilares de suas famílias, pois a *“mulher pescadora é extremamente preparada para conduzir um lar”*, afirma Roquelina, pescadora da Baía do Iguape. Em vista da labuta diária em administrar as dificuldades do dia-a-dia da vida no manguezal, a mãe-pescadora se percebe como agente multiplicador de suas vivências, de seus saberes. Essas vivências e saberes transcorridos no meio ambiente natural, pautados pela tradição, povoam o cotidiano de quem vive na pesca.

8

Esta pesquisa somente se faz possível pelas narrativas das pescadoras que podem dar rumo às reflexões, e que, de acordo com Ferreira (1996, p. 31- 33), funcionam como uma espécie de ponte entre a teoria e a prática, estando mergulhadas em histórias despertadas pela memória. Com a contribuição da História Oral, nessas memórias, cria-se a possibilidade de tornar perenes as vivências todas dessas mulheres, as experiências de trabalho e de vida que se animam dia após dia.

Assim, deve-se registrar que o papel feminino é de extrema importância no que se refere à manutenção da tradição, já que é ela a educadora e socializadora maior nas sociedades pesqueiras. São as mulheres que parem, cuidam, passam a maior parte do tempo com suas crianças, numa partilha contínua de ensinamentos e aprendizados em casa, no manguezal ou na canoa. Estas mulheres colaboram com a preservação de uma cultural local e

desenvolvem pilares necessários à uma educação para a sustentabilidade. Aqui tem-se a referência à educação para a cidadania, elemento determinante para a consolidação de sujeitos cidadãos. O fortalecimento da cidadania é um desafio, a exemplo da população da Resex Baía do Iguape, e concretiza-se pela possibilidade de cada pessoa ser portadora de direitos e deveres, transformando-se em ator co-responsável na defesa da qualidade de vida.

Esta educação deve ter como pontos-chaves o viés crítico e inovador, com vistas à transformação social, para que possam existir mudanças sociais necessárias para se corrigir o curso do desenvolvimento e esta ser entendida como um movimento social e político. Nesse sentido cabe destacar que a educação ambiental assume cada vez mais uma função transformadora, na qual a co-responsabilização dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento – o desenvolvimento sustentável.

9 Como já apontado na introdução, o problema desta pesquisa surgiu ainda no período da escrita da dissertação de Mestrado, onde senti a necessidade de compreender como as vivências do cotidiano das pescadoras implicam numa educação em direção à sustentabilidade. Ampliar e seguir a linha do que foi produzido ainda no Mestrado é a proposta para a continuidade destes estudos.

É importante verificar o quão e como se constitui o papel da cultura produzida por marisqueiras e pescadoras para o desenvolvimento de uma educação baseada nos princípios da sustentabilidade. Pesquisar a mulher trabalhadora explica-se pelo fato de que, ao que tudo indica, é nas vivências dessa mulher, no poder dos saberes tradicionais e na sua cosmovisão, que ela produz uma cultura sensível à questão ambiental que anima a valoração da vida e, conseqüentemente, norteia caminhos rumo à educação de perspectivas sustentáveis e a melhores condições de vida pra sua localidade. Neste sentido, cabe questionar como a cultura produzida por esta mulher implica em práticas sustentáveis.

Tem-se, aqui, o conceito de sustentabilidade como a continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana,

que prediz a participação comunitária na definição do manejo da área protegida e dos principais atores interessados. Ela implica a mudança de uma participação mais passiva/consultiva, para uma forma de participação mais interativa e mais distribuidora de poder.

A inserção da mulher na atividade pesqueira se fez, sem o devido reconhecimento de seu trabalho e de seus direitos. Historicamente, na busca pela sobrevivência, as mulheres adaptaram-se à competitividade comuns ao processo de *acumulação* e poder *dominante*, e nessa busca pela equidade entre homens e mulheres é que se estabelece a grande participação das pescadoras nas mobilizações realizadas na Baía do Iguape, visando a valorização de sua atividade pesqueira e pelas suas garantias trabalhistas.

Este estudo desenvolve-se sobre a Resex Baía do Iguape, especificamente nas localidades de Maragojipe, Nagé e Coqueiros. Dados do IBAMA e da Colônia de Pescadores de Maragojipe e de Santiago do Iguape nos mostram a existência de um universo de cerca de 8.000 trabalhadores na pesca em toda a Baía do Iguape. Em Maragojipe, são associados, aproximadamente, 3.500 pescadoras e pescadores, sendo mais de 50% deste corpo de associados composto por mulheres.

A Resex, conforme definição do IBAMA, “é uma Unidade de Conservação destinada à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis por populações nativas e extrativistas. Tem como propósito garantir a terra às famílias nativas e extrativistas, conservar os recursos naturais por meio de sua exploração sustentável, organizar, capacitar ou fortalecer o processo de organização dos moradores para a co-gestão com o IBAMA dos espaços e recursos naturais, e implementar alternativas de renda que propiciem a melhoria da qualidade de vida das famílias que habitam na área”.

Esta pesquisa faz-se sobre mulheres pescadoras, mulheres negras em sua grande maioria, a partir de suas memórias, considerando-as como sujeitos delineadores de cultura e agentes transformadores do seu espaço. Meus estudos durante o curso de Mestrado, volto a dizer, permitem traçar um perfil

desta mulher, o que abre possibilidades para trabalhar questões relativas à raça, gênero, cultura e educação.

Vale registrar que, para este estudo, trago a utilização do termo “pescadoras” com referência às mulheres trabalhadoras na maré, devido à relevância do fato de que muitas delas realizam a pesca propriamente dita, além da mariscagem. Faz-se também necessária a consideração de que a atividade da pesca abrange desde os procedimentos iniciais, como a preparação dos apetrechos necessários à atividade da cata ou pesca, até o beneficiamento do produto.

No seu ambiente de vida, as pescadoras são mulheres, mães, educadoras e trabalhadoras que fazem de suas vidas fontes de ensinamentos que se propagam infinitamente através das memórias e experiências vivenciadas na Baía do Iguape.

11

A pescadora na Baía do Iguape enfrenta dificuldades diversas da realidade integradora de uma reserva extrativista e traz em seu bojo os saberes constituídos pelos antepassados, os quais são perpetuados pela transmissão de tradições. Esses saberes contam com atores sociais de grande relevância representados pela figura dela própria, a qual privilegia e reforça os laços de identidade e de afetividade com o meio natural. Apesar de o dualismo natureza-cultura ser um produto cultural de nossa sociedade moderna e urbana, acredito que algo pode ser transformado em nossa visão de mundo, no momento em que aceitemos partilhar de valores que trazem as singularidades da conexão entre ser humano e natureza, no desenvolvimento de uma cultura e de uma educação em prol do modo sustentado de vida.

Esta educação implica uma revisão, por exemplo, dos nossos currículos, uma reorientação de nossa visão de mundo da educação como espaço de inserção do indivíduo não numa comunidade local, mas numa comunidade que é local e global ao mesmo tempo. Uma pesquisa de Francisco Gutiérrez e Cruz Prado, traz a idéia da formação vinda através da educação que está ligada ao espaço/tempo no qual se realizam as relações entre o ser humano e o meio

ambiente. Vale ressaltar que o entendimento de educação não se restringe aos bancos escolares, mas sim, em interações que produzem conhecimentos.

A realidade atual exige uma reflexão numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes. Trata-se de promover o crescimento da consciência ambiental, expandindo a possibilidade de a população participar em um nível mais alto no processo decisório, como uma forma de fortalecer sua co-responsabilidade na fiscalização e no controle dos agentes de degradação ambiental. Mas representa também a possibilidade de abertura de estimulantes espaços para implementar alternativas diversificadas de democracia participativa, notadamente a garantia do acesso à informação e a consolidação de canais abertos para uma participação plural. A postura de dependência e de desresponsabilização da população decorre principalmente da desinformação, da falta de consciência ambiental e de um déficit de práticas comunitárias baseadas na participação e no envolvimento dos cidadãos, que proponham uma nova cultura de direitos baseada na motivação e na co-participação da gestão ambiental.

12

Neste contexto, e que se verifica é a importância de investigar como as práticas de grupos, geralmente silenciados, podem favorecer a construção de conhecimentos de significativa relevância.

Na busca da compreensão destas práticas, lançamos mão de alguns conceitos que considero importantes. A cultura constitui a percepção predisposta a enxergar a tudo que faz como parte do meio, conforme Laraia (2001). Logo, tem-se, então, uma apreensão de como determinados grupos têm a possibilidade de explicar a si próprios, construindo e transmitindo as tradições de fé, de cuidado com o outro e, por isso, a necessidade de estar atento aos modos de pensar local. Nessa realidade, há uma cultura produzida por mulheres, onde se estabelece uma relação entre o ser humano e a natureza tendo suas bases fundamentadas em práticas culturais, nas quais a natureza se apresenta de forma intensa. Este pensamento afina-se ao de Cláudia Cristina Souza (1991), quando esta, em seu estudo também sobre as mulheres da maré de Maragojipe, observa que estas trabalhadoras parecem



mesmo sempre se referir muito preenchidas de intimidade com o seu lugar, com o manguezal, suas casas. Nesta perspectiva, percebe-se o quanto Homem e natureza se integram.

Ser uma pescadora artesanal é, primordialmente, tornar-se portadora de um conhecimento que somente o cotidiano da pesca lhe confere, o que permite conduzir suas atividades, ampara suas atitudes numa ampla e complexa cadeia de inter-relações ambientais. Aliás, como já afirmara Diegues (1983:199) em seu estudo sobre camponeses e trabalhadores do mar, “o importante não é conhecer um ou outro aspecto, mas saber relacionar os fenômenos naturais e tomar as decisões relativas {s capturas.”. A pescadora se habitua aos ritmos naturais, se integra e aprende com o meio natural, posto isto, deve-se registrar que o papel feminino é de extrema importância no que se refere à manutenção da tradição, já que é ela a educadora e socializadora maior nas sociedades pesqueiras.

13

De algum modo, as pescadoras da Baía do Iguape são exemplos de mulheres que vêm demonstrando como construir relações de maior solidariedade, mobilização coletiva e modos de resistências, em busca de melhores condições de vida para si e para os seus. Embora as mulheres trabalhadoras da pesca só tenham tido o seu trabalho reconhecido em carteira de trabalho no início da década de 80, a Baía do Iguape mostra-se como uma localidade privilegiada, em que elas vêm tomando as rédeas rumo à conquista da garantia de seus direitos trabalhistas à medida em que se organizam.

Muitas destas mulheres se posicionam de forma engajada na execução de seu trabalho, como o exemplo de Roquelina Almeida, 43 anos, pescadora desde os 10, mãe de três filhos e atual presidente da colônia de pescadores. Ela mostra muita consciência sobre o valor da atividade na pesca e sobre o fato de a mulher ter que dar conta de todas as atividades de seu dia-a-dia: “*passa por todo o processo da mariscagem e tem que cuidar de casa, lavar roupa, cuidar de filho e ainda tem que ter tempo para ser mulher, para ser amiga, para ser mãe...*”.

Conforme Emma Siliprandi (2000, p. 65), as mulheres são as cuidadoras das relações entre as pessoas, nas famílias, entre vizinhos e comunidades e criam e recriam vidas dentro de um estilo peculiar de ver o mundo. O espaço em que as pescadoras realizam seu trabalho é o mesmo em que vivem, onde aprendem, onde concretizam o sentido dos lugares. Isto nos fornece pistas valiosas no sentido de podermos verificar como se modelam as experiências e como isso influencia sobre a sua ação e percepção.

Com os estudos de Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (2003), envolvendo o conceito de espaço articulado ao de cultura, as pescadoras se tornam donas de seu espaço sem, no entanto, se preencherem do senso de propriedade, elas desenvolvem o sentimento de pertencimento a determinados lugares na medida em que ali constroem suas vidas. Os aprendizados na pesca, o relacionamento íntimo indivíduo *versus* natureza, são elementos formadores da cultura produzida pela mulher pescadora. Esta cultura é preenchida pela visão holística referenciada por Francisco Gutiérrez (1994), necessária ao equilíbrio dinâmico ser humano e natureza e a categoria da sustentabilidade que são pressupostos essenciais para a educação voltada para além do desenvolvimento da cidadania ambiental. Conforme Gutiérrez & Prado (1998), faz-se necessária um sistema educacional que promova a aprendizagem do “sentido das coisas a partir da vida cotidiana”. O conceito de “vida cotidiana” é essencial no contexto de vida dessas mulheres.

No sentido da vida cotidiana destas mulheres, as lutas das pescadoras ocorrem também nas reuniões da Colônia, nas quais é grande a participação das mulheres. A frequência feminina e o número de mulheres candidatas às vagas de delegados representantes da população da Resex, sempre foram maiores aos dos homens. Elas prosseguem neste ritmo atuante, participativo, pois muito do que já se conseguiu melhorar deve-se à participação mais efetiva das mulheres na colônia de pescadores.

Nas pescadoras, é percebido um sentimento de proximidade e reconhecimento em relação ao meio ambiente, talvez por isso seja tão recorrente entre elas privilegiar o equilíbrio dele, pois existe a consciência de

que é dali que se tira o sustento. Esses lugares estão repletos de simbologias como a lenda da Vovó do Mangue, lenda que funciona como um instrumento de defesa do próprio manguezal e de sua sobrevivência, levando em conta o senso de preservação e da natureza como a própria vida. Daí, vem a sua contribuição para a tarefa de educar para a cidadania, já que o histórico de suas vidas pressupõe esse entendimento, mesmo que de forma intuitiva, da necessidade de viver permanentes e complexas relações entre nós mesmos e outras formas de vida.

Nesta linha de raciocínio, o desenvolvimento sustentável, visto de forma crítica, tem um componente educativo formidável: a preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecológica e a formação da consciência depende da educação. Como afirma Castells (1999), a organização social e os valores culturais são os principais fatores responsáveis pela degradação do ambiente e não simplesmente a tecnologia. É preciso uma ecoformação para torná-las conscientes e uma série de referenciais se associam para isso: os estudos do imaginário, a abordagem da transversalidade, da transdisciplinaridade e da interculturalidade. Neste sentido, é imprescindível uma revisão dos currículos escolares para que incorporem certos princípios no objetivo de orientar a concepção dos conteúdos e a elaboração dos livros didáticos. Conforme Jean Piaget afirmou, os currículos devem contemplar o que é significativo para o aluno, e nesse pensamento, esses conteúdos só serão significativos para este aluno, se estes forem significativos também para o bem-estar comum sócio-ambiental.

Geralmente, as populações tradicionais vivem em um sensível grau de harmonia com seus ambientes naturais e por isso são as melhores guardiãs da biodiversidade. Na verdade, conforme Colchester (apud Diegues, 2000), boa parte do apoio que essas sociedades foram capazes de atrair no mundo industrializado é resultado da crença de que as comunidades tradicionais estão mais próximas da natureza e são motivadas por uma ética de conservação.

A partir do modo como trata aos seus em casa e como os inicia ao ofício da pesca, a mulher do Iguape se torna depositária e transmissora do valor que atribui à profissão. O sentido de desenvolvimento – que se construiu como uma ideologia que dá sentido ao sistema de relações de poder no mundo – é distante do sentimento de interdependência com a natureza estabelecido por essas pessoas. Há indícios de que as populações tradicionais, por viverem em comunhão com seu meio, vivenciam mais a sensação de bem estar do que populações de países tidos como “primeiro mundo”, onde a lógica seria a “submissão do outro” a título de mostra de soberania, como aborda Díaz Muñoz (1995). A preocupação com o desenvolvimento sustentável representa a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam as comunidades.

16

As pescadoras constroem o seu espaço não apenas quando buscam o sustento, como também quando cuidam do seu meio, de seu lar e de sua família, o que abre possibilidades para a construção de uma educação que realmente empreenda uma reconstrução social. Para Pádua e Tabanez (1998), a educação ambiental propicia o aumento de conhecimentos, mudança de valores e aperfeiçoamento de habilidades, condições básicas para estimular maior integração e harmonia dos indivíduos com o meio ambiente.

A mobilização das mulheres em oficinas, associações e na colônia de pescadores, assim como as formas das práticas sociais em torno da pesca representam importantes elementos na produção do espaço social local.

## REFERÊNCIAS

- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz. e Terra, 1999.
- CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- CASTRO, Edna. *Faces do Trópico Úmido*. São Paulo: Florence Pinto. 1997.
- CORRÊA, R. L. ; ROSENDAHL, Z (Orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DÍAZ MUÑOZ, M. A. e MOYA, J. M. *Mujeres, espacio y sociedad. Hacia una geografía del género*. Madrid: Síntesis, 1995.
- DIEGUES, A. C. (Org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.
- DIEGUES, A. C. S. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo. Ed. Ática, 1983.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- FERREIRA, M, de M.; ARMANDO, J. (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora. 1996.
- 17 GUTIÉRREZ, F. *Pedagogia para el Desarrollo Sostenible*. Costa Rica: Heredia, 1994.
- JACOBI, P. et al. (orgs.). *Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências*. São Paulo: SMA, 1998.
- LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- LEFF, E. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARIANO NETO, B. *Ecologia e Imaginário*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.
- PÁDUA, S.; TABANEZ, M. (orgs.). *Educação ambiental: caminhos trilhados no Brasil*. São Paulo: Ipê, 1998.
- REIGOTA, M. Desafios à educação ambiental escolar. In: JACOBI, P. et al. (orgs.). *Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências*. São Paulo: SMA, 1998. p. 43-50.
- SILIPRANDI, E. Contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. *Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v. 1, nº 1, jan./mar. 2000. p. 65.
- SOUZA, C. C. *Mulheres da maré: um estudo sobre as marisqueiras de Maragojipe – Bahia*. 1991. Monografia (especialização). UFBA, Salvador, 1991.
- VIGOTSKY, L. *A Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Espaço Livre**, Vol. 5 , n.º 10, jul./dez. 2010.